



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – *CAMPUS XIV*  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM  
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

**CAROLINA MOTA DOS SANTOS**

**O USO DO PRONOME *ELE* COMO OBJETO DIRETO NO  
SEMIÁRIDO BAIANO: UM ESTUDO NUMA PERSPECTIVA  
VARIACIONISTA.**

Conceição do Coité  
2018

**CAROLINA MOTA DOS SANTOS**

**O USO DO PRONOME *ELE* COMO OBJETO DIRETO NO SEMIÁRIDO BAIANO: UM ESTUDO NUMA PERSPECTIVA VARIACIONISTA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, do Departamento de Educação – *Campus* XIV da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do título de graduado em Letras/Português.

Orientador: Prof. Me. Deijair Ferreira da Silva.

Conceição do Coité  
2018

**CAROLINA MOTA DOS SANTOS**

**O USO DO PRONOME *ELE* COMO OBJETO DIRETO NO  
SEMIÁRIDO BAIANO: UM ESTUDO NUMA PERSPECTIVA  
VARIACIONISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, do Departamento de Educação – Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia, como parte do requisito para obtenção título de graduado em Letras/Português.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Reprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Ms. Dejair Ferreira da Silva – Orientador

Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV*

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Ms. José Luís Costa Bulcão

Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV*

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Ms. Moacir da Silva Côrtes Junior

Universidade do Estado da Bahia – *Campus XIV*

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus que me deu forças, em todos os momentos, para superar todos os obstáculos que fizeram parte desse percurso até aqui (GRATIDÃO).

À minha família que sempre me apoiou e me confortou em momentos de angústias.

Ao meu orientador Dejair Ferreira da Silva, por todo apoio e confiança.

Aos meus colegas de turma por todas as experiências compartilhadas e alegrias vividas durante esses anos.

Ao meu marido Denival Mota por toda compreensão nos momentos em que precisei estar ausente e pelo apoio ao longo desses anos. Eu não teria conseguido sem você!

Ao meu amigo Jacson Silva pelas informações e apoio durante o desenvolvimento desse trabalho.

Aos professores que fizeram parte desses longos anos da minha graduação por cada conhecimento compartilhado e todas as contribuições para a minha formação acadêmica.

## RESUMO

Este trabalho investigou o uso do pronome lexical *ele(a)* na função de objeto direto no dialeto do português popular brasileiro do semiárido baiano. Seu objetivo foi analisar tal fenômeno nas construções encontradas no *corpus* da *Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano* (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008). Para isso, analisaram-se 16 inquéritos dentre quatro comunidades de fala presentes na coleção. Os suportes teóricos apresentados evidenciam os princípios da gramática tradicional, a qual denomina e constitui normas linguísticas para o uso da língua, de acordo com o pensamento de Neves (2002). Além disso, apresentam-se concepções da Linguística, segundo os estudos de Saussure (1997) e, assim, as influências para o nascimento da Sociolinguística. Esta pesquisa dialoga ainda com as ideias apontadas no estudo de Silva (2004) sobre os aspectos condicionadores do surgimento do pronome *ele(a)* como objeto direto, a partir dos procedimentos de análise da Sociolinguística em caráter tanto quantitativo como qualitativo, levando em consideração variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas, notando-se, a partir da análise dos dados, que o pronome lexical é escolhido para ocupar a função de objeto direto em estruturas sintáticas da frase que apresentem, a seguinte forma: verbo transitivo direto + OD (sintagma nominal) ou em outro período a depender do antecedente, e, preferencialmente, por verbos no pretérito perfeito do modo indicativo. O uso do pronome *ele (a)* é também encontrado em maior probabilidade em construções de falantes com faixas etárias entre 17 e 41 anos com certo nível de escolaridade (fundamental I) e, mesmo com uma diferença mínima em relação ao sexo feminino, o resultado dessa pesquisa apontou o uso do pronome lexical para falantes do sexo masculino.

**Palavras-chave:** Pronome Lexical. Objeto Direto. Português popular baiano.

Sociolinguística.

## ABSTRAC

This work investigated the use of the lexical pronoun *ele (a)* in the function of direct object in the dialect of popular Brazilian Portuguese of the semi-arid Bahia. Its objective was to analyze such phenomenon in the constructions found in the corpus of the Collection samples of the language spoken in the Bahian semi-arid region (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008). For that, 16 surveys were analyzed among four speech communities present in the collection. Theoretical supports presented show the principles of traditional grammar, which he calls and constitutes linguistic norms for the use of language, according to Neves (2002). In addition, concepts of Linguistics are presented, according to the studies of Saussure (1997) and, thus, the influences for the birth of Sociolinguistics. This research also discusses the ideas pointed out in the study by Silva (2004) on the conditioning aspects of the emergence of the pronoun *ele (a)* as a direct object, based on the procedures of analysis of Sociolinguistics, both quantitative and qualitative, taking into account linguistic variables and extralinguistic variables, noticing, from the analysis of the data, that the lexical pronoun is chosen to occupy the function of direct object in the syntactic structures of the phrase that they present, the following form: direct transitive verb + OD (syntagma nominal) or in another period to depend on the Prior, and preferably by verbs in the preterite indicative. The use of the pronoun *ele (a)*, is also found in greater likelihood in constructions of speakers with age groups between 17 and 41 years, with up to a certain level of schooling (fundamental I), and even with a minimum difference in relation to the female, the result of that Research, pointed out the use of the lexical pronoun for male speakers.

**Key-Words:** Lexical Pronouns. Direct object. Popular Brazilian Portuguese. Sociolinguística.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - OS PRONOMES PESSOAIS .....	14
QUADRO 2 - FORMAS DE <i>O, A, OS, AS</i> .....	14
QUADRO 3 - IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES .....	23
QUADRO 4 - TOTAL DAS OCORRÊNCIAS .....	34
QUADRO 5 - A ESTRUTURA SINTÁTICA DA FRASE .....	35
QUADRO 6 - A FORMA VERBAL.....	35
QUADRO 7 - O ANTECEDENTE NA OCORRÊNCIA .....	36
QUADRO 8 - A FAIXA ETÁRIA E AS OCORRÊNCIAS .....	37
QUADRO 9 - O GÊNERO DOS INFORMANTES E AS OCORRÊNCIAS .....	38
QUADRO 10 - A ESCOLARIDADE DOS INFORMANTES E AS OCORRÊNCIAS .....	38

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 PRONOMES DO CASO RETO E SUAS FUNÇÕES SINTÁTICAS: SUPORTES TEÓRICOS .....</b>	<b>11</b>
1.1 Pressupostos da gramática normativa .....	12
1.1.1 Breve consideração sobre a gramática normativa .....	12
1.1.2 Pronomes do caso reto e suas funções sintáticas .....	13
1.2 Pressupostos da (sócio)Linguística.....	16
1.2.1 Breve consideração sobre Linguística .....	16
1.2.2 A Sociolinguística.....	17
1.2.3 Pronome do caso reto e a sua função sintática de objeto direto: um olhar variacionista.....	20
<b>2 SUPORTES METODOLÓGICOS .....</b>	<b>22</b>
2.1 O <i>corpus</i> .....	23
2.2 As comunidades.....	24
2.3 Os procedimentos/etapas da pesquisa.....	26
2.4 As variáveis linguísticas e as variáveis extralinguísticas .....	26
2.4.1 Variáveis linguísticas.....	26
2.4.1.1 Estrutura sintática da frase.....	27
2.4.1.2 Forma verbal.....	28
2.4.1.3 Antecedente da ocorrência.....	30
2.4.2 Variáveis extralinguísticas.....	31
2.4.2.1 Faixa etária .....	32
2.4.2.2 Gênero .....	32

2.4.2.3 Escolaridade.....	33
<b>3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>34</b>
3.1 Variáveis linguísticas.....	34
3.1.1 Estrutura sintática da frase.....	34
3.1.2 Forma verbal.....	35
3.1.3 Antecedente da ocorrência.....	36
3.2 Variáveis extralinguísticas.....	37
3.2.1 Faixa etária .....	37
3.2.2 Gênero .....	37
3.2.3 Escolaridade.....	38
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

Os compêndios gramaticais da Língua Portuguesa definem a língua como homogênea, única, uma linguagem regida por normas que desconsideram todas as variantes existentes nas diversas comunidades linguísticas brasileiras. Nesse contexto, um estudo sobre o uso do pronome lexical (PL) *ele(a)* na função de objeto direto (OD) torna-se relevante para a desconstrução do mito do certo e errado proposto pela gramática tradicional (GT).

Muitos autores linguísticos propagaram, durante muito tempo, um padrão linguístico no português brasileiro (PB) e como maior disseminador disso está o colonizador europeu que se tornou superior diante dos outros povos que formaram nossa nação como negros e índios, suprimindo – ou pelo menos tentando suprimir – as contribuições das línguas desses povos para a formação do PB. No entanto, a formação do português popular brasileiro (PPB), segundo Antonino (2012), foi investigada por diferentes autores do século XIX que buscaram uma definição do seu surgimento, e, dentre as ideias apontadas, alguns estudiosos da língua acreditam na influência do contato entre o PB e as línguas dos africanos e índios. Além do mais, alguns linguísticos, defendem que o PPB apresenta características semelhantes com as línguas crioulas de base portuguesa usadas por africanos.

Nesse viés, esta pesquisa investiga o uso da variante linguística, o PL na função de OD, usada no PPB, especificamente no semiárido baiano. Dessa maneira, pretende-se analisar como este fenômeno aparece nas estruturas linguísticas e o que condiciona seu uso na função de OD, uma vez que a GT prescreve que essa categoria de pronomes deve desempenhar o papel de sujeito na oração; e relacioná-la com os fatores linguísticos e extralinguísticos.

Os pressupostos teóricos são apresentados sob duas vertentes; Primeiramente, segundo Neves (2002), são apresentados os princípios que norteiam a GT (uma visão normativa) evidenciando seus objetivos e surgimento; depois são abordadas as classificações dos pronomes, destacando as definições dos pronomes pessoais, conforme os estudos de Cunha & Cintra (2001) e Bechara (2009). A segunda vertente deste trabalho enfatiza os estudos da Sociolinguística, como um dos ramos da Linguística ressalta a importância da relação entre língua e sociedade, percebendo-se como aquela se configura a partir desta; para isso, toma-se como base os trabalhos de Alkmim (2001) e Cesário e Votre (2010).

O caminho metodológico utilizado é de pesquisa bibliográfica, sendo de caráter qualitativo-quantitativo. Como material foram analisados 16 inquéritos selecionados do *corpus* da *Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano* (ALMEIDA & CARNEIRO, 2008), o qual reúne entrevistas realizadas com diversos falantes de algumas

comunidades de quatro municípios do semiárido. Essa coleção de amostras faz parte do projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano* que buscou realizar um estudo que retratasse a realidade linguística da região, a partir de informações sobre as formações sóciohistóricas, revelando contribuições linguísticas. Em relação os informantes, os aspectos sociais demonstram o nível de escolaridade, que vão de analfabetos à 4ª série do fundamental; a faixa etária selecionada foi dos 17 anos até mais de 60 anos; sendo considerados os dois gêneros (feminino e masculino).

Por fim, apresenta-se, no primeiro capítulo, os suportes teóricos, baseados nos pressupostos da GT, bem como os conceitos e as funções pronominais, e, em contrapartida, apresenta-se a teoria variacionista da (Sócio)Linguística. No segundo capítulo é apresentada a metodologia para o desenvolvimento desta pesquisa, a configuração do *corpus* e as comunidades que o compõe; são apresentadas ainda as variações linguísticas e sociais que foram consideradas para a análise das ocorrências encontradas. No último capítulo, tem-se a apresentação dos resultados da análise dos dados, conforme os fatores linguísticos e extralinguísticos considerados.

## 1 OS PRONOMES DO CASO RETO E SUAS FUNÇÕES SINTÁTICAS: SUPORTES TEÓRICOS

Este tópico apresenta os pronomes do caso reto de terceira pessoa sob duas vertentes: a primeira na visão da Gramática Tradicional (GT) e a segunda pelo viés da teoria variacionista. Dessa forma, partindo da ideia da GT que funciona a partir da normatização e caracteriza a língua como hegemônica, os autores Cunha e Cintra (2001, p. 281; grifos do autor) apontam que os pronomes retos devem ser empregados como sujeito, predicativo do sujeito e vocativo<sup>1</sup>; como nos exemplos abaixo:

(1) **Nós** vamos em busca de luz (Agostinho Neto).

↓

**Nós: Sujeito**

(2) Trata-se do seguinte: eu não sou mais **eu**. Revoguei-me a mim mesmo (Ana Maria Machado).

↓

**Eu: Predicativo do sujeito**

(3) Ó **vós**, que, no silêncio e no recolhimento / Do campo, conversais a sós, quando anoitece [...] (Olavo Bilac)<sup>2</sup>.

↓

**Vós: Vocativo**

Em contrapartida, os estudos da sociolinguística variacionista <sup>3</sup> evidenciam a heterogeneidade da língua e consideram as diversas variações linguísticas. Essas concepções vão possibilitar uma compreensão e análise do fenômeno linguístico em estudo: o pronome pessoal de terceira pessoa *ele* em função de objeto direto.

---

<sup>1</sup> Em relação aos vocativos, os autores afirmam que somente o **tu** e o **vós** podem exercer essa função.

<sup>2</sup> Os exemplos dos autores Agostinho Neto, Ana Maria Machado e Olavo Bilac encontram-se em Cunha & Cintra (2001).

<sup>3</sup> Conferir item 1.2.2 A Sociolinguística.

## 1.1 Pressuposto da gramática normativa

### 1.1.1 Breve consideração sobre a Gramática Normativa

A disciplina de gramática surge com a necessidade de se transmitir as grandes obras dos gregos, no período helenístico; essas obras eram classificadas como perfeitas a partir da análise das suas estruturas. Assim, a ideia era que os padrões linguísticos, considerados inigualáveis, fossem oferecidos através do ensino. Contudo, esses padrões eram – e são – o contraste da linguagem cotidiana utilizada. A afirmação, a seguir, reflete essa ideia de língua padrão:

Tal esforço de divulgação do helenismo impulsiona o desenvolvimento dos conhecimentos linguísticos, já que implica o levantamento de fatos que, nos textos não corrompidos, caracterizam a língua modelar que deve ser preservada. É, pois, para servir à interpretação e à crítica que se compõe o que se vai qualificar como *gramática*. [...] (NEVES, 2002, p.49; grifos da autora).

Os estudos linguísticos desse período eram restritos à linguagem escrita, especialmente à literatura, como se percebe pelo uso do “[...]próprio termo **grammatiké** – a arte de ler e escrever –, usado para dar nome ao estudo da língua, [e] tem sido invocado para evidenciar a atenção precípua dada à forma escrita da língua”(NEVES, 2002, p.50; grifos da autora).

Nesse momento, diante dessas considerações, é pertinente definir a GT tendo como referência os grandes compêndios gramaticais que afirmam que ela é formada por um conjunto de regras que considera apenas a variedade culta da língua, caracterizando como “erro” toda e qualquer variação que não esteja dentro do padrão linguístico estabelecido<sup>4</sup>. Faraco e Moura (2002, p. 19) afirmam que, “de acordo com a gramática normativa, só é válido o nível culto da língua, isto é, aquele empregado, geralmente, pela imprensa escrita, pelos escritores, pela elite social e econômica”; e, a partir dessa perspectiva, desconsidera as outras variedades linguísticas que se afastam, por algum fator, da norma culta. É esse afastamento da variedade culta da língua, por diversos fatores – dentre os quais pode-se ter algum externo à língua, que surge a noção de erro.

Esse comportamento gramático-tradicional cria a noção de erro, uma discussão pertinente para este estudo. Entretanto, não se pode considerar, na

---

<sup>4</sup> A Sociolinguística se interessa, justamente, por essas variações descartadas pela GT.

organização/comportamento (sócio)linguístico, algo como certo ou errado, tendo em vista que cada variedade tem como objetivo satisfazer necessidades interacionais dos falantes. Mas essa noção de “erro” linguístico, que acompanha algumas variedades linguísticas quando olhadas sobre o prisma das GT, é fruto de uma disseminação da crença de que existe apenas uma maneira correta de falar por parte das instituições de ensino, devendo as outras formas serem evitadas.

Para Perini (2006, p. 21; grifos do autor), essa noção de certo e/ou errado é infundadas, ou seja:

Não há a menor base linguística para distinção entre “certo” e “errado” – o linguista se interessa pela língua como ela é, e não como deveria ser [...]. Um linguista parte sempre de fatos e a cada passo verifica suas teorias em confronto com eles: se muitos falantes dizem *chipanzé*, então ele precisa registrar esse fato e levá-lo em conta em sua descrição e teorização. E se todo mundo diz *me dá ele aí*, essa é uma estrutura legítima da língua falada do Brasil, e precisa figurar na descrição. Vemos aqui então, uma oposição entre **gramáticas prescritivas** (ou **normativas**), que tentam estabelecer como as pessoas devem falar ou escrever, e **gramáticas descritivas**, que procuram descrever como é que as pessoas realmente falam e escrevem.

Assim, percebe-se que as noções de “certo” ou “errado” não se encaixam dentro da verdadeira realidade interacional da língua, uma vez que o importante é o estabelecimento comunicativo entre os falantes. Portanto, a preocupação da GT é simplesmente normatizar a linguagem *a priori*, sem descrevê-la em seu processo. A descrição da estrutura da língua é interesse da Linguística.

### 1.1.2 Pronomes do caso reto e suas funções sintáticas

Os pronomes são definidos, segundo a GT, como a expressão usada para substituir ou definir o nome. Para Bechara (2009, p.138), pronome é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado lexical dado pela situação ou por outras palavras do contexto. Desse entendimento, a GT determina seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos. Como esse trabalho limita-se ao estudo do pronome pessoal da terceira pessoa, faz-se necessário apresentar a classificação, e respectivas definições, dos pronomes pessoais.

Os pronomes pessoais, segundo Faraco e Moura (1989, p. 199) substituem as três pessoas gramaticais. Portanto, são sempre pronomes substantivos. Conforme o quadro 1, os pronomes pessoais dividem-se em: pronomes do caso reto e do caso oblíquo.

Segue o quadro com os pronomes retos e oblíquos do sistema pronominal do português, sob a ótica da GT, com base nos gramáticos Cunha e Cintra (2001, p. 277):

**QUADRO 1 - OS PRONOMES PESSOAIS**

PRONOMES PESSOAIS				
PESSOAS		RETOS	OBLÍQUOS	
			Átonos	Tônicos
SINGULAR	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, se, lhe	ele, ela, si, consigo
PLURAL	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes, se	eles, elas, si, consigo

Segundo Faraco e Moura (1089), os pronomes A, O, AS, OS possuem alguns desdobramentos, conforme quadro que segue:

**QUADRO 2 - FORMAS DE O, A, OS, AS**

AS FORMAS A, O, AS e OS	
REGRA	EXEMPLOS <sup>5</sup>
Com verbos terminados em -r, -s e -z passam a LO, LA, LOS e LAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Os habitantes da aldeia temiam os poderes sobrenaturais de Aukê e resolveram matá-<b>lo</b>;</li> <li>✓ O cão entrou na sala. Fizemo-<b>lo</b> sair.</li> </ul>
Com verbos terminados em -m, -ão e ãe passam a NO, NA, NOS e NAS	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ela está falando. Ouçam-<b>na</b></li> <li>✓ O lápis caiu. Peguem-<b>no</b></li> </ul>

Rocha (2001) aponta que os pronomes pessoais do caso reto funcionam sintaticamente como sujeito e os pronomes oblíquos átonos exercem função sintática de objeto direto<sup>6</sup>. Ainda em relação ao uso desses pronomes, Rocha (2001, p. 317; grifos do autor) propõe o seguinte:

(4) Diga-lhe que irei visitá-*lo(s)*.

(5) Você(s) *se* contradiz(em).

Percebe-se que em (4) e (5) os pronomes oblíquos átonos *lo(s)* e *se* foram usados de acordo às regras gramaticais estabelecidas pela GT no que diz respeito à sua função

<sup>5</sup> Os exemplos citados encontram-se em Faraco e Moura (1989).

<sup>6</sup> O autor não cita, mas é importante ressaltar que os pronomes oblíquos átonos também desempenham função de objeto indireto.

gramatical. Dessa forma, a fala e/ou escrita que não obedecer tais regras são condenadas pela GT. Isso porque, como já foi dito, “a gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos” (BECHARA, 2009, p. 37).

Segundo Bechara (2009, p. 147; grifos do autor), o pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de todo ou só (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso, respectivamente:

(6) No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português [PL.1, 398]<sup>7</sup>.

(7) Subiu! – e viu com seus olhos / *Ela* a rir-se que dançava [...] [GD *apud* SS]<sup>8</sup>.

(8) Olha *ele!* [EQ *apud* SS]<sup>9</sup>.

Entretanto, Cunha e Cintra (2001, p. 288; grifos dos autores) apontam que na fala vulgar e familiar do Brasil é muito frequente o uso do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto. As construções que seguem atestam esse uso:

(9) Vi **ele**.

(10) Encontrei **ela**.

Os autores ainda chamam atenção em relação ao uso dessas formas, consideradas inadequadas pelas GT, para que não sejam confundidas com as construções denominadas corretas, ou seja, quando o pronome *ele* pode funcionar como objeto direto “[...] antecedido da preposição a, repete o objeto direto enunciado pela forma átona (o, a, os, as)” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 288).

(11) Não sei se elas me compreendem / Nem se eu **as** compreendo **a elas**.  
(Fernando Pessoa, PO, 160)<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> PL significa, respectivamente, Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade (BECHARA, 2009).

<sup>8</sup> GD significa Gonçalves Dias e SS significa Álvaro F. de Souza da Silveira (BECHARA, 2009).

<sup>9</sup> EQ significa Eça de Queirós e SS significa Álvaro F. de Souza da Silveira (BECHARA, 2009).

<sup>10</sup> Este exemplo encontra-se em Cunha e Cintra (2001).

## 1.2 Pressupostos da (Sócio)Linguística

### 1.2.1 Breve consideração sobre Linguística

Segundo Ferdinand Saussure (1997), a Linguística, antes de definir seu objeto de estudo, passou por três períodos. No primeiro, a Linguística é iniciada pelos gregos e, logo após, tem continuidade com os franceses e estava voltada à constituição de normas que diferenciasse o certo e o errado, longe de se interessar sobre os fatos da língua. Na segunda fase, nasce a Filologia e, para Saussure (1997, p.7):

A língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições, etc.

Dessa forma, esses estudos, que priorizavam o texto escrito comparando-os, por exemplo, em relação à época e a autores, levou, posteriormente, à constituição da Linguística Histórica <sup>11</sup>. Para Saussure (1997, p. 8; grifos do autor), o terceiro período pode ser compreendido como uma Linguística Comparada:

Em 1816, numa obra intitulada *Sistema da conjugação do Sânscrito*, Franz Bopp estudou as relações que unem o sânscrito ao germânico, ao grego, ao latim, etc. [...] Bopp não tem, pois, o mérito da descoberta de que o sânscrito é parente de certos idiomas da Europa e da Ásia, mas foi ele que compreendeu que as relações entre línguas afins podiam torna-se matéria duma ciência autônoma.

Nessa perspectiva, nasce a ideia de que as línguas podiam ser comparadas, isto é, podiam-se encontrar explicações em relação, por exemplo, ao que se refere ao entendimento duma determinada língua a partir de comparações com as outras línguas existentes. Além de Franz Bopp, outros autores influenciaram muito as pesquisas sobre a Gramática Comparativa, entre os quais se destacam Max Muller, Georg Curtius e August Schleicher.

Saussure (1997, p.11) afirma que “a linguística propriamente dita, que deu à comparação o lugar que exatamente lhe cabe, nasceu do estudo das línguas românicas e das línguas germânicas”. Assim, a partir dos estudos romanos, a linguística pode encontrar o

---

<sup>11</sup> Segundo Faraco (2005, p. 14), “a realidade empírica central da linguística histórica é o fato de que as línguas humanas mudam com o passar do tempo. Em outras palavras, as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo. E é essa dinâmica que constitui o objeto de estudo da linguística histórica”.

caminho que a levou mais próxima do seu objeto de estudo: a língua <sup>12</sup>. Apesar dos germanistas não terem sido reconhecidos diretamente como os romanos, deram uma grande contribuição em relação às línguas que deles advinham com o apoio dos diversos escritos dos longos séculos.

Diante de vários estudos, com os quais não se conseguia definir de forma concreta o objeto da linguagem – pois essa era estudada sob diferentes aspectos, Saussure (1997, p. 16-7 grifos do autor) afirma que:

Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: *é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem*. De fato, entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível de uma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito. Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial a ela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos [...].

Dessa forma, a partir do pensamento de Saussure, a língua é definida como um fato social por ser adquirida pelo indivíduo diante de um convívio social. Segundo Alkmin (2001, p. 23), “mais precisamente, ele [Saussure] aponta a linguagem como a faculdade natural que permite ao homem constituir uma língua. Em consequência, a língua se caracteriza por ser „um produto social da faculdade da linguagem””. Nesse contexto, os estudos, que relacionam linguagem<sup>13</sup> e sociedade, nascem a partir de 1930 com os autores linguistas que abordam, em suas obras, a importância de se estudar o social no espaço linguístico. Dentre os autores que ficaram mais conhecidos com essa discussão estão Antoine Meillet, Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benveniste e Roman Jakobson.

## 1.2.2 A Sociolinguística

Segundo Alkmim (2001), a expressão Sociolinguística, surge quando William Bright promove um encontro entre autores, que relacionam em seus estudos linguagem e sociedade, na Universidade da Califórnia, em *Los Angeles*. Muitos estudiosos da área da Linguística buscaram bases teórico-metodológicas para comprovar como a linguagem e os aspectos

---

<sup>12</sup> O estudo da linguagem comporta duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico. Outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem (fala), inclusive a fonação e o psicofisiológico (SAUSSURE, 1997).

<sup>13</sup> É importante ressaltar que o termo linguagem utilizado refere-se à ideia de fala.

sociais estão ligados entre si, entre os quais encontram-se Jonh Gumperz, Einar Haugen, Wiliam Labov, Dell Hymes, Jonh Fisher, José Pedro Rona – entre outros. Após a publicação de *As dimensões da Sociolinguística* (apud ALKMIN, 2001, p. 28), formado por trabalhos relacionados à Sociolinguística em 1966, Bright, ao fazer a introdução desses trabalhos acaba definindo um novo campo de estudo. Esse campo, segundo Alkmin (2001, p. 31), se interessa pelo “estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”; é esse o objeto da Sociolinguística. Assim, seu estudo parte da comunidade linguística em que pessoas se comunicam de formas diversas, orientadas por normas que norteiam sua competência verbal. Ao realizar esse estudo é identificada a diversidade ou variação existente, ou seja, os vários modos de falar, aos quais a Sociolinguística denomina de *variedades linguísticas*. Dessa maneira, os estudos dessa disciplina têm sido muito importante para que se compreenda e confirme a ideia de que a língua é heterogênea e, conseqüentemente, que o PB é composto de diversas variantes linguísticas:

A proliferação de estudos na área da Sociolinguística tem sido uma grande contribuição para que, por meio da construção de um panorama das comunidades de fala existentes no Brasil, possa ser fomentada a desconstrução da ideia de homogeneidade linguística (SALOMÃO, 2011, p. 187).

Nessa vertente, a abordagem da Sociolinguística possibilitou um estudo da fala estigmatizada que antes não tinha espaço no campo da Linguística, pois muitos estudiosos dessa área restringiam como único objeto a ser estudo e analisado a língua, ou seja, consideravam apenas a variedade culta da língua. Dessa forma, por meio do estudo entre língua e sociedade, pode-se compreender a heterogeneidade da língua e, conseqüentemente, suas variações. Nessa perspectiva, vale ressaltar a grande importância da discussão sobre tais estudos para se combater o preconceito linguístico, que cada vez mais cresce no meio social, principalmente no âmbito escolar. Portanto, como pontam os autores Cesário e Votre (2010, p. 141):

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística.

Nesse viés, a Sociolinguística não estuda a língua considerando-a de forma independente – somente os fatores internos da língua, mas considera também os fatores extralinguísticos que influenciam no uso da linguagem como idade, sexo e escolaridade.

Assim, esse ramo da Linguística busca conhecer e compreender as mudanças que ocorrem na língua, levando em conta que em toda comunidade de fala<sup>14</sup> existirão diferentes variantes linguísticas. Dessa maneira, a Sociolinguística tem como objeto de estudo a variação, “entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente” (MOLLICA, 2007, p. 10). Com isso, os estudos sociolinguísticos analisam a proporção de imobilidade e/ou instabilidade da variação e quais aspectos motivaram a mudança, ressaltando que nem toda variação implica necessariamente em uma mudança<sup>15</sup>.

Com o passar do tempo, surgiram abordagens diferentes dentro da própria Sociolinguística como a Variacionista que surgiu da necessidade de se abordar sobre a variação nas diferentes análises linguísticas, uma vez que as correntes estruturalista não inseriram-na em seus estudos, pois a variação não era objeto dos estudos linguísticos. Nesse contexto, a Sociolinguística contribui para o reconhecimento das variantes linguísticas, conceituadas como “erros linguísticos” pela GT, como realizações possíveis de acontecer e de serem descritas. Para Cesário e Votre (2010, p.152), essa abordagem contribui também para o ensino de línguas, pois:

[...] cria nos (futuros) professores uma visão menos preconceituosa e incentiva-os a valorizar todos os dialetos e a mostrar à criança que o dialeto culto é considerado melhor socialmente, mas que estrutural e funcionalmente não é nem melhor nem pior que o dialeto da comunidade do aluno.

Bagno (2009, p. 67) aponta que é “é preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou uma única comunidade de falantes o „melhor” ou o „pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua”. Desse modo, deve-se considerar outras variantes, porque elas têm a sua importância já que são veículos de comunicação e interação entre os falantes que as utilizam. Mesmo que seja necessário se conhecer a norma culta e todas as regras que a constituem, não se deve fazer disso uma justificativa para que o preconceito linguístico seja disseminado na sociedade. Além disso, compactua-se com esse

---

<sup>14</sup> Para Trask, R. L. (2004, p.61), comunidade de fala é definida como “um grupo de pessoas que interagem regularmente por meio da fala. Uma comunidade de fala pode ser grande ou pequena, e pode ser fortemente homogênea ou decididamente heterogênea. O que interessa é que cada pessoa que faz parte de uma comunidade de fala interage verbalmente com pelo menos algumas outras pessoas que dela também fazem parte, e a comunidade não pode ser cortada por fronteiras fortemente marcadas, por entre as quais a interação verbal acontece raramente ou não acontece nunca.

<sup>15</sup> Faraco (1998, p. 13-14) aponta que “deve ficar claro, por ora, que não é qualquer diferença de fala entre gerações ou entre grupos socioeconômicos que pode estar indicando mudança. Muitas dessas diferenças são apenas variantes características da fala de cada grupo e nada têm a ver em princípio, com mudança. [...] Diante de situações que sugerem mudança em progresso no tempo presente, deve o linguista fazer pesquisas na dimensão do chamado tempo real, isto é, deve levantar dados de diferentes períodos da história da língua em busca de ratificação para sua hipótese de que surpreendeu, de fato, um processo de mudança em andamento”.

preconceito quando se diz que há em uma língua construções corretas e erradas, e que os falantes erram em suas escolhas no momento da fala e ou da escrita. Essa concepção, conseqüentemente, faz com que os falantes que não utilizam as formas linguísticas definidas como padrão sejam rotulados, em muitos casos, como ignorantes, pois são julgados pelas formas linguísticas que utilizam (formas que são denominadas de não-padrão).

### 1.2.3 Pronome do caso reto e a sua função sintática de objeto direto: um olhar variacionista

Essa breve subseção será desenvolvida com base no estudo sobre *O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro* (2004), de Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva<sup>16</sup>, no qual apresenta a realização do objeto direto anafórico de terceira pessoa (ODA), sobre duas vertentes: a categoria vazia (CV) e o pronome lexical (PL) *ele*. Entretanto, esta pesquisa limita-se apenas ao estudo do PL *ele* na função de objeto direto que, segundo Silva (2004, p. 42), não é tão recente nos estudos linguísticos sobre o PB. Ressalte-se ainda que os estudos feitos por Tarallo (1993 *apud* SILVA, 2004, p. 43) evidenciam que o esse fenômeno linguístico já ocorria em estruturas do século XIX, surgindo a partir da necessidade de usar o objeto nulo, ao qual essa variante está ligada.

A autora aponta, em seu texto que, segundo os estudos de Duarte (1986 *apud* SILVA, 2004, p. 43), o uso do pronome *ele* é mais evidente em pessoas jovens, sendo que na medida que se aumenta a faixa etária, diminui-se as estatísticas de realização desse fenômeno linguístico. A estudiosa mostra ainda como Câmara Jr. (1972 *apud* SILVA, 2004, p. 42) versa seu estudo sobre a realização do PL determinando essa variante como “um traço geral típico do português oral de todos os níveis sociais do Brasil”, ressaltando que só não é usada quando o falante precisa demonstrar certo grau de instrução, ou seja, de domínio da norma padrão.

Dessa maneira, Silva (2004) expõe o estudo diacrônico desenvolvido por Câmara Jr. (1972 *apud* SILVA, 2004) no qual evidencia as variações estruturais linguísticas do PB que contribuíram para o surgimento do uso do PL *ele* como objeto direto. Para discutir isso, ela apresenta as seguintes variações:

- A) O pronome *ele* torna-se uma forma invariável como os demonstrativos, dissociou-se do sistema casual dos pronomes pessoais. Isso foi permitido, uma vez que o comportamento morfológico dessa forma distancia-se dos demais pronomes pessoais: flexiona-se em número e gênero, aproximando-se dos demais demonstrativos que da classe a que pertence. B) Semanticamente, o pronome *ele* distancia-se dos pronomes pessoais.

---

<sup>16</sup> Mestra (2004) e doutora (2009) em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia.

Enquanto os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa têm valor dêitico, ou de terceira (ele) é um substituto do nome. C) Dois fatores fonéticos entrelaçados explicam essa preferência do brasileiro pelo pronome ele. Primeiro, a preferência pela posição pré-verbal do pronome acusativo, que resulta de uma tendência prosódica do PB. Segundo Câmara, há no Brasil uma tendência à aférese da vogal átona no início da palavra, uma vez que o falante brasileiro tende a acentuar ainda mais a sílaba seguinte à vogal inicial, tornando a vogal ainda mais fraca. Nesse contexto, há a perda dessa vogal e o falante prefere a forma *magina* a *imaginar*, *panhá* a *apanha*. Assim, na posição proclítica, o pronome acusativo de terceira pessoa (o/a) tende a desaparecer [...] (SILVA, 2004, p. 42-3).

Nesse contexto, a autora enfatiza que, para uma melhor compreensão sobre como surgiram às variações no PB, é necessário estudar as mudanças na fala e nos fatores sociais, porque eles influenciam muito para o surgimento de novas variações.

## 2 SUPORTES METODOLÓGICOS

A partir das considerações feitas no primeiro capítulo, o objetivo desta pesquisa é analisar o uso do pronome de terceira pessoa do caso reto *ele* na função de objeto direto, fenômeno sintático que, embora não legitimado pela GT, é encontrado tanto na fala não padrão quanto na fala culta; ressalte-se que esta análise baseia-se somente no dialeto popular (não padrão).

Constitui-se uma pesquisa de caráter bibliográfico, porque:

[...] ao realizar uma pesquisa bibliográfica para um trabalho acadêmico, o pesquisador deve reunir um conjunto de autores, de preferência os mais renomados, para a discussão do problema, objeto da sua pesquisa. Estes autores servirão de base para fundamentar a discussão teórica sobre o assunto, possibilitando não apenas um estudo descritivo, mas atingindo um nível de trabalho analítico [...] (BRENNER, 2008, p. 16).

Como fundamentação teórica tem-se como base os estudos sociolinguísticos, na abordagem variacionista, e o estudo dos pronomes pessoais na visão da gramática normativa. Constitui-se, também, uma pesquisa quantitativo-qualitativa. Richardson (1985, p. 29-48) define o método quantitativo como o “emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dessas através de técnicas estatísticas, desde as mais simples como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão etc.”. Portanto, define-se, partir desse raciocínio, esta pesquisa como quantitativa por considerar a quantidade de ocorrência do fenômeno linguístico em estudo.

No método qualitativo preocupa-se com a descrição do fenômeno:

Os dados recolhidos são designados por *qualitativos*, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem a operacionalização de variáveis, sendo, formuladas com objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.16).

Assim, é qualitativa porque analisa como e quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam o uso do pronome de terceira pessoa do caso reto na função de objeto direto. Logo, a utilização dessas duas estratégias proporcionará uma maior análise do objeto de pesquisa.

## 2.1 O corpus

O *corpus* selecionado para essa pesquisa faz parte da *Coleção de Amostras da Língua do Semiárido Baiano*, do projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*<sup>17</sup>. Um material organizado por Norma Lucia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, da Universidade Estadual de Feira de Santana, no ano de 2008. Assim, os falantes que contribuíram para realização desse projeto estão distribuídos de acordo à faixa etária, ao sexo e à escolaridade, como descrito no quadro abaixo.

**QUADRO 3 – IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES**  
**DADOS DOS INFORMANTES**

<b>NOME<sup>18</sup></b>	<b>SEXO</b>	<b>IDADE</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>IDENTIFICAÇÃO NO <i>CORPUS</i></b>
GCC	F	23	4ª série <sup>19</sup> do Fundamental	INQ1
CJM	F	38	Alfabetizada	INQ2
MAS	M	64	Analfabeto	INQ3
AJS	M	20	3ª série do Fundamental	INQ4
JFS	F	60	Analfabeto	INQ5
RS	F	28	4ª série do Fundamental	INQ6
MLS	M	79	Analfabeto	INQ7
JSR	M	28	3ª série do Fundamental	INQ8
VC	F	56	Analfabeta	INQ9
LV	F	32	2ª série do Fundamental	INQ10
MLAS	M	74	3ª série do Fundamental	INQ11
GJA	M	22	Semianalfabeta	INQ12
JAM	M	17	3ª série do Fundamental	INQ13
MJS	F	60	Analfabeto	INQ14
A	M	25	4ª série, Fundamental	INQ15
MSCS	F	48	Analfabeta	INQ16

Entendendo que esta pesquisa leva em consideração fatores de caráter social para análise do fenômeno linguístico, faz-se necessário abordar as situações geográficas, econômicas e sociais da região das comunidades em estudo. O projeto selecionou informantes de quatro comunidades rurais de quatro municípios da região do semiárido baiano sendo Anselino da Fonseca, Jeremoabo, Feira de Santana (Paraguaçu) e Rio de Contas; os quais compõem os quatro volumes da coleção com um total de 72 entrevistas.

<sup>17</sup> Almeida (2013, p. 170) aponta que o Projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano* tem por objetivo geral contribuir para o conhecimento da realidade linguística brasileira e, de forma específica, sobre a língua falada no semiárido baiano.

<sup>18</sup> Nos nomes usam-se siglas utilizadas por Almeida & Carneiro (2008) para identificar os informantes. Elas se referem às iniciais de cada nome.

<sup>19</sup> Com a reformulação atual dos níveis de ensino, a nomenclatura hoje empregada é ano, e não série.

Na região, como afirmam Almeida e Carneiro (2008) na apresentação dos inquéritos, a agropecuária e a mineração teve grande importância para o processo de urbanização e povoamento. A mistura de povos – dentre negros, brancos pobres e mestiços, escravos e senhores na zona rural baiana – é de grande valia para se compreender a heterogeneidade linguística existente na região. Esse fator é de grande importância para os estudos no campo linguístico, pois permite perceber quais influências e como se construiu a língua portuguesa dessa região.

## 2.2 As comunidades<sup>20</sup>

A constituição do volume I da *Coleção Amostras da Língua Falada no Semiárido Baiano* foi realizada na comunidade de Piabas, zona rural de Anselino da Fonseca (ou Caem). As entrevistas foram feitas entre os anos de 1994 e 1996 no comércio conhecido pela população como Peral. Na época em que essa amostra foi constituída, o número de habitantes era de 17.120. Anselino da Fonseca marcou o processo histórico-econômico da região pela forte presença da pecuária e da mineração, localizadas no Piemonte da Diamantina.

O volume II traz as entrevistas realizadas na zona rural de Rio de Contas. Nesse município, foram escolhidas as comunidades de Bananal e de Barra dos Negros<sup>21</sup> que, no projeto, foram mapeadas como uma só pelo fato de que existe, entre os moradores de ambas comunidades, uma proximidade muito grande. Nessas duas comunidades, o número da população é de 400 habitantes em cada e vivem em uma situação de pobreza e possuem um baixo nível de escolarização. Segundo Almeida & Carneiro (2008), foi uma funcionária municipal de Rio de Contas que informou sobre a existência dessas comunidades e que, possivelmente, os habitantes eram remanescentes de quilombos. Nos inquéritos existem também amostras da comunidade de Mato Grosso que, segundo as documentadoras das amostras, foi um das primeiras regiões a ser povoada. Sendo que o primeiro trabalho que menciona essa comunidade é um relatório feito por um desembargador de nome Luiz de Siqueira que, em seu relato, aborda sobre os povos que originaram tal região:

[...] havia muitos brancos pobres (pequena esfera), mulatos e negros, o que nos indica que houve, pelo menos, muitos contatos intra e interlinguísticos. O desembargador não informa se havia portugueses entre os brancos, só fala dos

---

<sup>20</sup> As informações sobre as comunidades são retiradas das apresentações das mesmas por Almeida e Carneiro (2008).

<sup>21</sup> Segundo Almeida (2008), as comunidades estão localizadas a 18 km a oeste da cidade de Rio de Contas, na Chapada Diamantina, Bahia.

paulistas e mineiros. Mas sabe-se que portugueses foram para Mato Grosso explorar ouro (ALMEIDA & CARNEIRO, 2008)<sup>22</sup>.

Conforme Almeida e Carneiro (2008), duas famílias, dentre as que existem na comunidade do Mato Grosso, formam a maior parte da população dessa comunidade: os Mafras e os Freires. Entretanto, as autoras não falam a quantidade de habitantes dos membros de cada família, nem do total da comunidade. Nas “Notas à Coleção”, Almeida e Carneiro (2008) evidenciam que o município de Rio de Contas é representado pela zona de mineração. Contudo, o turismo também faz parte das principais atividades econômicas.

A comunidade da Matinha, do município de Feira de Santana (Paraguaçu), compõem o volume III da Coleção. Sua origem, informam as autoras, é incerta; provavelmente, originou-se de um antigo quilombo. Nas “Notas à Coleção”, elas apresentam que o início da colonização em Paraguaçu se deu em 1832, sendo o comércio de gados o que motivou o crescimento da população. Na descrição da comunidade, Almeida & Carneiro (2008) aponta que, além disso, os moradores mantêm um contato muito grande com a cidade de Feira de Santana, pois vendem a sua produção agrícola nas feiras do município. É importante ressaltar que não se evidencia a quantidade de habitantes dessa comunidade.

Por fim, o volume IV apresenta entrevistas de três comunidades do município de Jeremoabo: Casinhas, Lagoa do Inácio e Tapera. Pinheiro (2008), ao falar sobre essas amostras de fala, evidencia, a partir dos estudos de Carvalho Jr. (2002 *apud* PINHEIRO, 2008), que o povoamento em Jeremoabo aconteceu a partir dos aborígenes muongores e cariácas, ramos da tribo dos tupinambás. A economia desse município gira em torno da pecuária, atividade considerada a mais importante da região, e da produção de cereais. A região de Casinhas, segundo a autora, é uma comunidade povoada por negros e mestiços, sendo historicamente remanescente de quilombo e está localizado a 35km da sede do município. Localizada também a 35km da sede está a comunidade Lagoa de Inácio que ganhou esse nome em homenagem a um grande senhor português rico e dono de escravos. A população de Lagoa de Inácio é formada por mestiços e brancos, com grande grau de parentesco, já que a maior parte das terras pertenciam a Inácio. A terceira comunidade escolhida para a formação das entrevistas foi Tapera. Segundo Pinheiro (2008)<sup>23</sup>,

Os moradores, em sua maioria são descendentes de índios, cujas características podem ser identificadas nos traços fisionômicos e na estatura física. Os informantes não sabem contar com precisão sobre o surgimento do povoado, alguns dizem que as terras pertenciam aos índios,

---

<sup>22</sup> No documento da autora, não há enumeração das páginas.

<sup>23</sup> No documento da autora, não existe enumeração das páginas.

que se mudaram, havendo, assim, uma invasão de moradores das proximidades que se apossaram das terras.

A comunidade de Tapera fica localizada a 9 km da sede do município, sendo constituída por sítios e roças, em sua maioria de uma mesma família.

Pode-se perceber, diante das informações das regiões do semiárido escolhidas para entrevistas, que diferentes povos contribuíram para a formação de cada comunidade e, conseqüentemente, favoreceram para a grande variação linguística dessa região.

### 2.3 Os procedimentos/etapas da pesquisa

Esse trabalho passou pelos seguintes procedimentos/etapas:

1. Levantamento das ocorrências do fenômeno linguístico em estudo;
2. Definição dos fatores linguísticos e extralinguísticos que direcionam para o uso do PL *ele* na função de OD;
3. Análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos;
4. Análise geral e apresentação dos dados;
5. Apresentação dos resultados.

### 2.4 As variáveis linguísticas e extralinguísticas

#### 2.4.1 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas selecionadas para análise dessa pesquisa, já foram analisadas por Silva (2004) que utiliza o estudo diacrônico de Duarte (1986, *apud* SILVA, 2004) e de Soledade (2011 *apud* SILVA, 2004). Essas variáveis foram escolhidas por se compreender que poderiam ser um auxílio eficaz para a compreensão linguística dos falantes do semiárido e de como esses fatores linguísticos condicionam o uso do PL *ele*, na função de OD. São elas:

- i. estrutura sintática da frase;
- ii. forma verbal;
- iii. posição da ocorrência em relação ao antecedente.

#### 2.4.1.1 Estrutura sintática da frase

Segundo Silva (2004), esse fator sintático-linguístico é um dos fatores condicionantes para realização do PL na função de OD. A hipótese deste trabalho para essa análise baseia-se no estudo dessa autora que destaca a seguinte ideia:

Nas sentenças onde a posição de objeto direto é ocupada por um elemento cuja interpretação semântica estrutural é ambígua, ou seja, quando um elemento recebe do verbo antecedente o caso acusativo, mas o verbo subsequente lhe atribui papel temático de agente, caracterizando-o como sujeito, prefere-se preenchê-la com o pronome lexical. (SILVA, 2004, p. 117).

Ainda segundo a estudiosa, essas concepções acontecem, normalmente, quando há a presença de uma oração com um verbo no infinitivo ou uma minioração nessa posição:

- (12) Doc: Ah! Que vai no forno.  
Inf: Não. Num vai no forno não. Eu **deixo ela secar** no sol (INQ15)<sup>24</sup>.
- (13) Inf: Menina, meu avô taha doente, aí mãe ligou pa meu irmão, e aí ele seprocupou demais...taha bem doente ele. E aí quonde a hente pensou que ele tava em São Paulo, já tava aqui. E aí ele chegou, quis levar minha menina, eu deixei. Tá com doze ano. Disse que ia levar pa me ajudar, né? Aí **eu deixei ela ir**. Vai cresceno, a gente num pode dá uma roupa, num pode dar uma percata, né? Uma caçola (INQ8).

Nos exemplos (12) e (13), observa-se que o verbo transitivo direto *deixar* (deixo; deixei) atribui ao pronome *ela*, empregado nos dois exemplos, o caso acusativo (objeto direto). Dessa maneira, a construção apresenta uma estrutura similar a apresenta por Silva (2004): verbo transitivo direto + objeto direto + sentença. Além disso, nos exemplos, tem-se uma predicação verbal.

Silva (2004, p.119) comenta ainda que são possíveis outras construções, em que o PL tem a função de OD e “o caso acusativo lhe é atribuído [dentro do contexto], sem ambigüidade”, conforme os exemplos:

- (14) Inf: A gente conversava, brinc... ficava briancano de amigo. Aí foi como a gente começou a se conhecer. Eu ia pra casa do pai dele, que quando **eu conheci ele**, ele não tinha mãe Maise. A mãe dele já tinha falecido (INQ1).

---

<sup>24</sup> O informante refere-se à tapioca.

- (15) Doc: Como é dona... dona C., a senhora pode contar, assim, como foi, assim, o parto da senhora?  
 Inf: A primeira foi normal, a segunda foi cesário, **eu ganhei ela** ne Aracaju (INQ2).
- (16) Inf: Teve um tempo aqui que teve uma briga com um primo meu, sabe?  
 Doc: Foi? O rapaz quase **mata ele** (INQ7).

Nos exemplos (14), (15) e (16), os verbos transitivos diretos empregados, nas construções (*conhecer*, *ganhar* e *matar*) atribuem o caso acusativo ao pronome *ele* (função de OD) e, diferente dos exemplos (12) e (13), não apresentam ambiguidade, tendo uma estrutura sintática, da seguinte forma: verbo transitivo direto + objeto direto (sintagma nominal) = VTD + OD (SN)<sup>25</sup>.

Desse modo, a hipótese a ser confirmada se pautará no seguinte raciocínio: das duas estruturas sintáticas – VTD + OD (SN) + Sentença (S) e VTD + OD (SN) – apresentadas nessa subseção, a VTD + OD (SN) condicionará mais o uso do PL na função de OD.

#### 2.4.1.2 Forma verbal

Com base no estudo de Silva (2004) serão considerados os modos e os tempos verbais que tendem ao uso do PL *ele* na função de OD. A autora, em sua pesquisa realizada com *amostras do português rural afro-brasileiro* (SILVA, 2004), afirma que o tempo presente tem maior percentual de ocorrências e tende mais para o uso do PL. Dessa forma, a hipótese a ser confirmada na análise é a de que o tempo presente tem maior probabilidade em condicionar o uso do PL em relação ao pretérito perfeito e imperfeito e à forma nominal (infinitivo). Portanto, neste caso as variáveis selecionadas são:

##### i. Presente do indicativo:

- (17) Doc: É? Como é que você trata seus afilhados?  
 Inf: Do mesmo jeito que o meu padinho me trata. Sempre quondevejo **ele**, eu sempre ajeito eles, entendeu, [...] (INQ4).
- (18) Doc: E como é que eles trata você?  
 Inf: Me tra... me trata bem.  
 Doc: É?  
 Inf: É me considera muito, **eu considero ele**. Gosto muito deles (INQ1).

<sup>25</sup> Segundo a definição de Koch & Silva (2000), os pronomes podem desempenhar a função de sintagmas nominais.

Nos exemplos (17) e (18), as estruturas apresentam os verbos transitivos diretos (ver e considerar) no tempo presente do indicativo (vejo e considero), seguidos do pronome *ele* que desempenha a função de OD nas duas construções.

## ii. Pretérito perfeito do indicativo:

(19) Doc: Como é dona... dona C., a senhora pode contar, assim, como foi, assim, o parto da senhora?

Inf: A primeira foi normal, a segunda foi cesário, **eu ganhei ela** ne Aracaju (INQ2).

(20) Inf: Menina, meu avô taha doente, aí mãe ligou pa meu irmão, e aí ele se preocupou demais...taha bem doente ele. E aí quonde a hente pensou que ele tava em São Paulo, já tava aqui. E aí ele chegou, quis levar minha menina, eu deixei. Tá com doze ano. Disse que ia levar pa me ajudar, né? Aí **eu deixei ela ir**. Vai crescono, a gente num pode dá uma roupa, num pode dar uma percata, né? Uma caçola.” (INQ8)

Os verbos, em (19) e (20), são utilizados no tempo pretérito perfeito do indicativo (ganhei, deixei) e o pronome *ela* aparece desempenhando a função de OD nas duas estruturas linguísticas.

## iii. Pretérito imperfeito do indicativo:

(20) Inf: [...] Aí quando dormia, a gente **botava ele na {cordazinha}** assim e a gente ia logo trabaia. E eu ficava guardano sentido, se vinha algum bichinho assim que vinha [...] (INQ16).

(21) Inf: Porque é mais legal, entendeu? Ser educado pra mim... pra mim isso daí é muito importante, entendeu? É mais legal do que xingar os pai, igual tem deles aí tudo xingano, dano trabalho os pai. Eu mehmo num tive estudo mais pra ajudar meu pai, que eu **via ele** sofeno na roça, entendeu? Aí eu num gostaria... Aí eu pedi pra ele pra mim ficar trabalhando com ele (INQ4).

Em (21) e (22), os verbos transitivos empregados estão no tempo do pretérito imperfeito do indicativo (via, botava) e o pronome *ele* também está função de OD nos dois exemplos.

#### iv. Forma nominal: infinitivo simples

- (22) Doc 1: É o pessoal vai muito pra São Paulo, né?  
Inf: Vai, porque aqui você... é poucos maridos que tem.  
Doc 1: Hum, hum.  
Inf: Eu tenho minha irmã que tá lá pra lá, tá ela e o esposo dela, né, tá os dois. Deixaru o filhodela, tem... num tinha nem dois anos ainda, e ela foi obrigada a **deixar ele** pra poder tentar sobreviver, né? (INQ6).
- (23) Inf: Nossa, quando tava em Som Paulo, eles sempre mandava: “vem embora, meu fio, pra cá, pra ficar c’a gente aqui, sem você aqui tá ruim”, [riso] ele falava. Sempre fico brincano com ele, entendeu? A gente é mehmo que um... nem parece pai com filho, mehmo com irmão com quem brinca. Brinco com eles, eles sempre brinca comigo. Tem meus sobrinhos também que é neto deles, sempre vevi lá com a gente, os pequeno. Gosto deles pra caramba. Então a gente se medi por isso que eles gostam, né? E os outros já são mais calmos, né? Não brinca com eles nem nada, né? Que o velho, eu acho assim, eles num tem divertimento nada, não sae, a gente que tem que **divertir ele**, né? (INQ4).

Nos exemplos (23) e (24), os verbos transitivos diretos empregados estão na forma nominal do infinitivo simples (deixar e divertir), e o elemento seguinte (o pronome *ele*) desempenha o papel de OD nas duas estruturas.

##### 2.4.1.3 Antecedente da ocorrência

Para a variável referente à posição da ocorrência em relação ao antecedente, Silva (2004, p. 125) evidencia que “quando o antecedente se encontra em outro período, ou seja, o OD anafórico se encontra mais distante do antecedente, é favorecido o preenchimento da posição de objeto direto”. Assim, em sua pesquisa, a autora destaca que o PL tem maior probabilidade de ser usado nessa circunstância. Dessa forma, foram selecionadas as seguintes possibilidades: orações coordenadas sindéticas, assindéticas e subordinadas.

Os contextos abaixo exemplificam esse os fatores.

##### i. Oração coordenada sindética

- (24) Inf: [...] Ele foi um pai pra mim e até... até o final da minha vida eu vou **considerar ele**, porque ele que me criou[...] (INQ12).

## ii. Oração coordenada assindética

- (25) Inf: Não. Na roça, **quano eu tava criouno eles**, o povo aí nada... eu não ia na roça mais não (INQ16).

## iii. Oração subordinadas

- (26) Inf: **Ele falou que tinha uma neta que vinha ajudar ele de vez em quando**, qu'ele falou que morava sozinho (INQ8)

## iv. Outro período sintático

- (27) Inf: A gente conversava, brinc... ficava briancano de amigo. Aí foi como a gente começou a se conhecer. Eu ia pra casa do pai dele, que quando eu conheci **ele**, ele não tinha mãe Maise. A mãe dele já tinha falecido. (INQ1).

Nos exemplos (25), (26), (27) e (28), observa-se que o PL aparece em todas as construções desempenhando a função de OD, sendo que o PL encontra-se, respectivamente, em uma oração coordenada sindética, coordenada assindética e subordinada; e, em (28), se manifesta em outro período sintático. Portanto, a hipótese que se levanta, aqui, é que o PL tem maior probabilidade de ser usado em outro período sintático.

### 2.4.2 Variáveis extralinguísticas

Os estudos sociolinguísticos baseiam-se em fatores sociais que podem influenciar diretamente na variação. Dessa maneira, é pertinente relacionar as ocorrências do fenômeno em estudo com algumas variáveis extralinguísticas. Como já evidenciado anteriormente, Silva (2008) aponta que faz-se necessário um estudo sobre os fatores extralinguísticos que direcionam o uso da variante em estudo para que exista um melhor entendimento sobre a variação linguística em uso. Por isso, foram selecionados os fatores de *faixa etária*, *gênero* e *escolaridade*.

#### 2.4.2.1 Faixa etária

De acordo com Silva (2004), a partir desse fator social pode-se fazer um estudo do tempo para identificar, caso haja elementos para tanto, se o fenômeno variável em estudo está no período de variação estável ou em um processo de mudança em curso.

As faixas etárias indicadas para essa pesquisa são:

##### **i. 17 a 40 anos**

(28) **Botaram ele** até de... acho que bebe muita água, né? Inchado e de cabeça para baixo.. (INQ13)

(29) Doc: Como é dona... dona C., a senhora pode contar, assim, como foi, assim, o parto da senhora?

Inf: A primeira foi normal, a segunda foi cesário, eu **ganhei ela** ne Aracaju. (INQ2)

##### **ii. 41 a 60 anos**

(30) Inf: Aí onde ela me deu [inint] arrependimento ela teve né, aí eu rezo pa Deus, que nosso Senhor Jesus Cristo **abençoe ela** de noite e de dia. (INQ9).

(31) Todos **examinou ela**, o que um dizia os outro também dizia: tá boa, tá boa. (INQ14)

##### **iii. mais de 60 anos**

(32) Inf: E não foi eu não, foi os outro que **mataru ele**, sabe onde veio mor... sabe onde fôru **matar ele**? (INQ7).

(33) Inf: Aí eu comecei **chamando ela** tia, tia. (INQ11)

Assim, a hipótese levantada para essa variável social é a de que a faixa etária de 17 a 40 anos realiza mais o PL *ele* na função de OD.

#### 2.4.2.2 Gênero

Outro fator social que deve ser considerado nos estudos das variações linguísticas é o gênero. Vários estudos sociolinguísticos, como de Silva (2004) e Molica & Braga (2007),

abordam que a mulher é mais conservadora no que corresponde à norma padrão e restrita ao uso de novas variantes não padrão; enquanto o homem emprega formas mais populares e inovadoras. No entanto, Silva (2004) ressalta que, apesar desses estudos mostrarem esse comportamento linguístico conservador na fala de informantes do gênero feminino, existem estudos que, como de Gauchat (1905 *apud* SILVA, 2004), evidenciam que há informantes desse gênero no qual predominam o uso da língua não padrão. Portanto, não se pode afirmar que existam padrões linguísticos definidos para cada gênero. Contudo, neste trabalho, levanta-se a hipótese de que, nas comunidades selecionadas para análise dessa pesquisa, o gênero masculino utiliza-se mais a variante não padrão em relação ao gênero feminino.

- (34) Inf: Deus **abençoe ela** que foi pra lá e me deixou aqui (INQ9/Feminino).
- (35) Inf: De forma, e viu que todo lugar que eu andei, todos médico e as enfremeira tudo gostou de mim e dessa menina, aí. Hum. Gostou! Eles **tratava ela** viu, só que visse! (INQ14/Feminino).
- (36) Doc: como foi que você **conheceu ela**. (INQ4/Masculino)<sup>26</sup>.
- (37) Info: Assim que a gente começou... **eu conheci ela**, a gente começou a namorar e foi levano a vida e foi a gente:: se ajuntou. (INQ12/Masculino).

#### 2.4.2.3 Escolaridade

Serão verificadas os seguintes níveis de escolaridade que podem condicionam o uso do PL: fundamental I, semialfabetizado e analfabeto. A partir dos estudos linguísticos, acredita-se que quanto maior o nível de escolarização, menos o aparecimento do fenômeno variante no uso linguístico.

- (38) Inf: Não. Tão trabalhano, graças a Deus. No final do ano, eles estão vino **buscar ele**, né, e tornam voltar [inint], por enquanto não tem condições de vim pra cá ainda não, eles estão construino também, né? (INQ6/4ª série do fundamental).
- (39) Inf: É porque P. é meu pai, eu achava, eu de(i) ele, **considero ele** como um pai, eu de(i) ele, e D. é uma pessoa qu'eu gosto muito, é uma pessoa que me trata bem, uma pessoa que me serve a hora qu'eu precisar, se ela puder me serve, eu **dei ela** (INQ12/Semianalfabeta).

(40) Inf: De forma, e viu que todo lugar que eu andei, todos médico e as enfremeira tudo gostou de mim e dessa menina, aí. Hum. Gostou! Eles **tratava ela** viu, só que visse! (INQ14/Analfabeto).

### 3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesse capítulo, serão abordados os resultados da análise feita, considerando as três variáveis linguísticas e as três variáveis extralinguísticas que, possivelmente, condicionam o uso do pronome ele, na função de objeto direto. É importante ressaltar que, dos 16 inquéritos analisados, o INQ3 não apresentou nenhuma ocorrência preenchida com o PL na função de OD. Assim, tem-se a seguinte quantificação dos dados:

**QUADRO 4 – TOTAL DAS OCORRÊNCIAS**

<b>RIO DE CONTAS</b>	<b>PARAGUAÇU</b>	<b>ANSELINO DA FONSECA</b>	<b>JEREMOABO</b>	<b>TOTAL</b>
22	15	15	13	65

Verificou-se um total de 65 (sessenta e cinco) ocorrências, sendo 22 (vinte e duas) de Rio de Contas, 15 (quinze) de Paraguaçu, 15 (quinze) de Anselino da Fonseca e 13 (treze) de Jeremoabo.

#### 3.1 Variáveis linguísticas

Nessa seção, apresentam-se as análises dos três fatores linguísticos que foram levantados como hipótese para o direcionamento do uso do PL na função de OD.

##### 3.1.1 Estrutura sintática da frase

Relacionando-se o uso do PL com a estrutura sintática da frase, tem-se a seguinte tabela:

**QUADRO 5 – A ESTRUTURA SINTÁTICA DA FRASE**

<b>ESTRUTURA ARGUMENTAL DO VERBO<sup>27</sup></b>	<b>Nº DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>%</b>
VTD + OD (SN) + S	06	9.23
VTD + OD (SN)	46	70.77
<b>TOTAL</b>	<b>57</b>	<b>80</b>

De acordo à proposta de Silva (2004), o uso do PL na função de OD é mais realizado em construções que apresentam uma estrutura sintática do tipo: verbo transitivo + objeto direto (sintagma nominal) = VTD + OD (SN); a qual apresentou no *corpus* um percentual de 70,77%, confirmando a hipótese levantada na subseção 2.4.1.1:

- (41) Inf: E tomém ninguém {nora} maih, porque se um... um pedir em casamento uma filha minha, eu tenho que **vê ele** toda hora dento da minha casa. E eu num faço assim: "tu vai embora", porque se eu disser que "tu vai embora", vai dizer que eu num quero que ele num venha ou o quê... danado.

### 3.1.2 Forma verbal

As ocorrências, considerando a forma verbal, tiveram as seguintes realizações:

**QUADRO 6 – A FORMA VERBAL**

<b>TEMPO VERBAL</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Presente do indicativo	15	23.08
Pretérito perfeito do indicativo	23	35.38
Pretérito imperfeito do indicativo	04	6.15
Infinitivo	16	24.62
<b>TOTAL</b>	<b>58</b>	<b>89.23</b>

Pode-se observar, no quadro acima, que o pret. perfeito do indicativo favorece o uso do PL com um percentual de 35.38% das ocorrências, contrariando a hipótese levantada em relação à pesquisa de Silva (2004), na seção 2.4.1.2, de que o tempo presente condiciona o seu uso.

<sup>27</sup>Verbo transitivo+ objeto direto (sintagma nominal) + sentença = VTD+OD (SN) + S.  
Verbo transitivo+ objeto direto (sintagma nominal) = VTD+OD (SN).

- (42) Doc 1: Ham... porque eu tava conversando lá em cima c'um senhor ele falou que:: hoje mehmo parece que é m dia... é dia de um santo, qu'ele falou que num podia ir pra roça trabalhar.  
 Inf: Vinte... vinte e três de agosto.  
 Doc 1: Hoje:: tinha um santo aí que inventaru que uma vez um homem foi, né, trabalhar, aí omaribondo **pegou ele** por cau... porque tava trabalhando em dia santo (INQ6).
- (43) Inf: Então quando eu casei o... o... o pai falou: "casamento", eu fiquei de lá, ele cá. Então só **vimo ele**... eu só **vi ele** no dia do casamento de novo. E hoje em dia, nós num é mais assim como era (INQ5).

### 3.1.3 Antecedente da ocorrência

No que corresponde à posição da ocorrência em relação ao antecedente tem-se:

**QUADRO 7 – O ANTECEDENTE DA OCORRÊNCIA**

<b>POSIÇÃO DA OCORRÊNCIA</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Orações coordenadas sindéticas	09	13.85
Orações coordenadas assindéticas	22	33.85
Orações subordinadas	04	6.15
Outro período	05	7.69
<b>TOTAL</b>	<b>40</b>	<b>61.54</b>

Na pesquisa desenvolvida por Silva (2004), o PL é favorecido quando o antecedente encontra-se em outro período, como já foi mencionado. Entretanto, como se percebe no quadro acima, essa hipótese não foi confirmada por esta pesquisa. O PL *ele* com função de OD ocorreu mais nas orações coordenadas assindéticas, conforme quadro acima e exemplos que seguem:

- (44) Doc: Como é dona... dona C., a senhora pode contar, assim, como foi, assim, o parto da senhora?  
 Inf: A primeira foi normal, a segunda foi cesário, **eu ganhei ela ne Aracaju** (INQ2).
- (45) Inf: É me considera muito, **eu considero ele**. Gosto muito deles (INQ12)<sup>28</sup>.

<sup>28</sup>O informante refere-se aos padrinhos.

### 3.2 Variáveis extralinguísticas

Nesse item, apresentam-se os resultados das variáveis sociais selecionadas, sendo faixa etária, gênero e escolaridade – respectivamente.

#### 3.2.1 Faixa etária

No quadro abaixo apresenta-se a relação do fenômeno em estudo com as faixas etárias dos falantes.

**QUADRO 8 – A FAIXA ETÁRIA E AS OCORRÊNCIAS**

<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
17 a 40 anos	44	67.69
41 a 60 anos	18	27.69
Mais de 60 anos	03	4.62
Total	65	100

Como já foi dito, o PL *ele* na função de OD é mais usado por falantes jovens e tende a desaparecer na medida em que a faixa etária aumenta (Duarte, 1986 *apud* SILVA, 2004). Assim, observa-se, no quadro acima, a confirmação dessa ideia uma vez que o percentual apresentado pelos falantes mais jovens é de 67.69%, sendo que o percentual dos falantes acima de 60 anos é bem menor (4.62%). Isso mostra que esse fenômeno é uma mudança em curso, ainda não estável, apesar de já ser encontrada no PB desde o século XIX – com já foi mencionado. Contudo, apesar de ser encontrada em tempo passados, essa variante não era tão usada como atualmente, podendo fazer com que, futuramente, essa variante se torne estável num processo de mudança.

#### 3.2.2 Gênero

Como foi dito anteriormente, os estudos linguísticos que consideram o gênero como um fator extralinguístico para a variação apontam que, geralmente, os falantes do gênero feminino são mais conservadores dos que os falantes do gênero masculino que tendem ao uso não padrão da língua. Ressalte-se que esta pesquisa buscou, na escolha dos inquiridos analisados, equilibrar os informantes de acordo ao gênero (feminino e masculino).

**QUADRO 9 – O GÊNERO DOS INFORMANTES E AS OCORRÊNCIAS**

<b>GÊNERO</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Feminino	32	49.23%
Masculino	33	50.77%
Total	65	100%

Ligeiramente, o gênero masculino favorece o uso do PL *ele* na função de OD com pouca diferença no percentual (1,54%) em relação ao gênero feminino. Portanto, com esses resultados não se tem como confirmar a hipótese levantada em relação ao gênero, a partir do estudo de Silva (2004), de que as mulheres são mais conservadoras e, portanto, usam o PL com menos frequência que os homens.

### 3.2.3 Escolaridade

No que corresponde ao uso do PL com função de OD e sua relação com o nível de escolaridade, tem-se o seguinte:

**QUADRO 10 – O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS INFORMANTES E AS OCORRÊNCIAS**

<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Fundamental I	35	53.85
Analfabeto	20	30.77
Semianalfabeto	09	13.85
<b>TOTAL</b>	<b>64</b>	<b>98,47</b>

Alguns estudos linguísticos afirmam que falantes que possuem um nível de escolarização maior tendem a escolher a forma padrão em suas ações comunicativas. Entretanto, acontece o contrário no *corpus* analisado, ou seja, os falantes que cursaram as séries iniciais do fundamental I realizaram mais o fenômeno em estudo (53.85%) do que as pessoas analfabetas (30.77%) ou semianalfabetas (13.85%). De acordo com o estudo de Câmara Júnior (1972), o fenômeno em análise é um traço da oralidade das pessoas brasileiras em todos os níveis sociais e, sendo assim, o falante evita usá-la somente quando tem a necessidade de usar a língua padrão, ou seja, quando se encontra em um ambiente formal. Ressalte-se que os informantes que apenas são alfabetizados não apresentaram nenhum número significativo para a análise das ocorrências.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os estudos que buscam abordar as variações linguísticas e desconstruir a ideia que se tem de que a língua existente no PB é homogênea. Assim, este trabalho, desenvolvido com base na teoria da sociolinguística variacionista, apresentou a variação do PL *ele(a)* a partir dos estudos bibliográficos de alguns autores que investigaram o surgimento dessa variante no PB, isto é, se esse fenômeno decorre de mudanças nas estruturas linguísticas que ocorreram ao longo do tempo. Como foi ressaltado, construções do século XIX já usavam o PL *ele* na função de OD, no entanto, não eram tão utilizadas com tanta frequência como nos dias atuais. Pode-se justificar isso a partir da faixa etária dos falantes das comunidades do semiárido baiano analisadas nesta pesquisa, uma vez que os resultados mostraram que o uso do PL é mais recorrente entre os falantes mais jovens.

Assim, esta pesquisa realizou uma análise que versou entre as variáveis linguísticas e as variáveis extralinguísticas. Com isso, a partir dos estudos sociolinguísticos que analisam as estruturas internas da língua para o entendimento das variações linguísticas, notou-se que o PL é escolhido para preencher a função de OD, principalmente, em estruturas com tempos verbais no pretérito perfeito do modo indicativo em relação aos demais tempos e formas nominais. Encontra-se ainda, em maior probabilidade, nas construções que apresentam uma estrutura sintática do tipo **verbo transitivo direto + OD (sintagma nominal)** ou em outro período a depender do antecedente.

Além disso, o estudo sociolinguístico também leva em consideração os fatores extralinguísticos que podem influenciar na variação. Dessa forma, buscou-se analisar a instabilidade dos fenômenos linguísticos e se esses apenas são variações ou se podem tornar-se, futuramente, uma mudança linguística estável. Assim, verificou-se de acordo a faixa etária que a o PL *ele* na função de OD é um fenômeno que se encontra em curso, pois seu uso está presente na fala dos informantes com idades entre 17 a 40 anos, os quais são considerados ainda jovens, mas essa possível estabilidade da variação é demonstrada pela presença do fenômeno na fala de alguns informantes acima de 41 anos. Contudo, não é pertinente se afirmar que essa variante tornar-se-á uma mudança estável na língua, visto que, como ressaltam os sociolinguistas, nem toda variação, obrigatoriamente transforma-se em mudança.

Em relação ao sexo, percebeu-se, mesmo com um percentual de uma proporção pequena, que as mulheres preferem a forma culta da língua, enquanto que os homens utilizam

mais a forma não padrão. No que corresponde ao nível de escolaridade, os dados contrariam a hipótese de que pessoas com maior grau de escolaridade usem mais a norma padrão da língua. Esta pesquisa mostrou que pessoas, ainda que com certo nível de escolaridade, tendem a usar mais o PL *ele* na função de OD.

Por fim, esta pesquisa abordou pontos considerados relevantes para os estudos variacionistas a partir de um número de ocorrências suficiente para a análise do fenômeno linguístico de um estudo monográfico. Puderam-se analisar, separadamente, variáveis linguísticas e extralinguísticas com os critérios orientados pela Sociolinguística Variacionista. Acredita-se pertinente que, futuramente, se compare os resultados aqui encontrados com outros *corpora*, fazendo uma relação entre fatores linguísticos e extralinguísticos amalgamados entre si para se conhecer, com mais detalhes, o fenômeno estudado; isso, certamente, se mostrará também significativo.

## REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: parte 1. *In*: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

ALMEIDA, Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Orgs.). **Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano**. Universidade Estadual de Feira de Santana: Feira de Santana, 2008.

ALMEIDA, Lucia Fernandes. Variação linguística na Bahia: Contribuições do projeto „A língua portuguesa no semiárido baiano“. *In*: LOPES, Norma da Silva; BULHÕES, Lígia Pellon de Lima; CARVALHO, Cristina dos Santos. (Orgs.). **Sociolinguística: estudos da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro: Sociolinguística paramétrica. Sociofuncionalismo**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2009.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Teimo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRENNER, Elina de Moraes. **Manual de planejamento e apresentação de trabalhos acadêmicos: projeto de pesquisa, monografia e artigo**. São Paulo: Atlas, 2008.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dispersos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

\_\_\_\_. **Linguística histórica:** uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARACO, Carlos Alberto; MOURA, Francisco Marto. **Gramática.** São Paulo: Editora Ática, 2002.

KOCH, Ingedore; SILVA, Maria Cecília P. de Souza e. **Linguística aplicada ao português:** morfologia. São Paulo: Cortez, 2000.

MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática:** história, teoria e análise, ensino. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PERINI, Mário. **Princípios de linguística descritiva:** introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PINHEIRO, Adriana de Santana Soares. Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano. *In:* ALMEIDA, Lucia Fernandes de Almeida; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Orgs). **Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano.** Universidade Estadual de Feira de Santana: Feira de Santana, 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1985.

ROCHA, Carlos Henrique da Lima. **Gramática normativa da língua.** Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2001.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. **Variação e mudança linguística:** panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/viewFile/19848412.2011v8n2p187/21673>>; acessado em 16 de jun 2017

SAUSSURE, Ferdinand. de. **Curso de Linguística Geral.** Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1997.

SILVA, Maria Cristina Vieira de Figueiredo. **O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2004.

TRANSK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.